



Edmundo Moniz e o golpe de 1964

Um veterano trotskista e os editoriais Basta! e Fora!, do Correio da Manhã

Victor Emmanuel Farias Gomes¹

Universidade Regional do Cariri-URCA

E-mail: victor.emmanuelfarias@gmail.com

Em 1964, durante a crise que levou à queda de João Goulart e a posterior instalação da ditadura, os jornais de grande circulação foram elementos civis relevantes no tabuleiro da ação política. Dentre esses veículos, um deles é o objeto de estudo da presente pesquisa. Trata-se do *Correio da Manhã*, fundado em 1901 por Edmundo Bittencourt, que o caracterizava como um jornal de oposição. Em 1964, o *Correio da Manhã* engrossou o coro que pedia a deposição de Jango, postura simbolizada por dois editoriais postos em circulação nos dias 31 de março e 1 de abril, datas em que os tanques garantiram a interrupção da democracia no Brasil. Desde então, os textos *Basta!* e *Fora!* tornaram-se marcos do papel da imprensa na crítica ao governo de Jango. Em *Basta!*, é atribuído ao presidente o clima de insegurança e instabilidade política, a inflação e a insubordinação nas forças armadas, entre outros fatores que – segundo o jornal – deixavam dúvidas sobre a possibilidade da continuidade de seu mandato. Se no editorial do dia 31 o jornal ainda levantava a hipótese da manutenção de Jango à frente da presidência até 1965, o *Correio da Manhã* estampa na capa da edição de 1 de abril um ultimato ao político que estava sendo derrubado pela força das armas. O editorial *Fora!* pede a saída do presidente e fala em ditadura, mas esta estaria ligada à permanência de João Goulart em seu posto.

O jornal construía a sua própria imagem nos editoriais em questão. Colocava-se como democrata e defensor da constituição, lembrava o apoio dado à posse de Jango após a renúncia de Jânio Quadros, dizia apoiar reformas mas não da

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Ceará.



III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades

Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-CE de 6 a 9 de Março de 2018

maneira como o presidente queria implementá-las. Se os artigos, editoriais e notícias publicados no referido veículo são documentos relevantes para o trabalho do historiador que se debruça sobre as movimentações da política, também é possível olhar para a memória da imprensa e abordar os editoriais em movimento, os seus usos e retornos em períodos posteriores à sua publicação original, assim como observar a memória da atuação da imprensa em reconstrução. A proposta aqui demarcada é discutir a porção do indivíduo na feitura de um texto que não recebe assinatura pessoal. Por definição, um editorial expressa a posição do jornal acerca dos assuntos abordados. Mas há um indivíduo ou indivíduos que materializam as ideias defendidas por um veículo de comunicação. Nesse sentido, a autoria dos dois textos em análise é traço relevante da história da participação da imprensa no golpe de 1964, sobretudo pela sua indefinição e conflituosidade. Na maioria das vezes ela será atribuída a um experiente intelectual de esquerda que militara no trotskismo até 1940 e que não se afasta dessas ideias até o fim da vida. Seu nome era Edmundo Moniz. O intelectual de esquerda ocupava um posto chave na redação do *Correio da Manhã*, mas nunca assumiu a autoria dos editoriais, assim como nunca revelou então quem teria escrito os textos. Moniz, assim como o jornal em que trabalhava, passará rapidamente para a oposição à ditadura. Em artigos assinados, combate o novo regime e acaba tendo que deixar o país em 1968, quando da decretação do AI-5. O nome do veterano trotskista é comumente encontrado nas referências ao papel do *Correio da Manhã* na crise política de 1964, mas está instalado um conflito de versões.

Momentos propícios para o exercício e a construção da memória, os aniversários do golpe de 1964 costumam apresentar artigos em que a participação civil é recordada através dos bastiões da oposição à ditadura. O jornal oposicionista apoiara a derrubada de Jango e o homem de esquerda escreveu os editoriais que exigiam a saída do presidente. Edmundo Moniz serve – para alguns – como prova de que os militares cumpriram o chamado das ruas. Para outros, tudo não passa de uma acusação infundada, sendo levantada a possibilidade de outros autores, como a então



III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades **Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos**

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-CE de 6 a 9 de Março de 2018

proprietária Niomar Sodré e o crítico de cinema – e adepto do lacerdismo – Moniz Vianna. Além dos artigos, a seção de cartas também acabam sendo ocupadas para discutir a autoria dos textos, em vários momentos com o argumento da autoridade da testemunha, de alguém que afirma ter estado e visto a confecção dos editoriais.

Desse modo, o presente trabalho é parte de uma pesquisa sobre a trajetória intelectual de Edmundo Moniz e tenta analisar a reconstrução da memória da participação do sujeito e da própria imprensa no golpe de 1964. Mais importante do que cravar o autor dos textos em questão é discutir as disputas que envolvem tais posições políticas e entender como Edmundo Moniz enxergava a conjuntura, visto que o jornalista publicara vários artigos assinados, deixando documentada a sua visão sobre o legado do trabalhismo e a sua caracterização de João Goulart.

PALAVRAS-CHAVE:

Memória; Ditadura Militar; Imprensa; Trotskismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CHAMMAS, Eduardo Zayat. *A ditadura militar e a grande imprensa: os editoriais do Jornal do Brasil e do Correio da Manhã entre 1964 e 1968*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, 2012.

DEMIER, Felipe Abranches. *O longo bonapartismo brasileiro (1930-1964): autonomização relativa do Estado, populismo, historiografia e movimento operário*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.